

ASPECTOS COMUNICACIONAIS E SEUS IMPACTOS NAS RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM

COMMUNICATIONAL ASPECTS AND THEIR IMPACTS ON TEACHING AND LEARNING RELATIONSHIPS

Nathália Saidelles Cunha¹, Graziela Frainer Knoll² e Taís Steffenello Ghisleni³

RESUMO

Com base na avalanche de informações de fontes duvidosas durante a pandemia do Covid-19, este artigo aborda o fenômeno da infodemia e da desinfodemia na pandemia do Covid-19, que se caracterizam pela disseminação de informações falsas ou distorcidas sobre a doença. Nosso objetivo é explorar os conceitos de educação midiática, infodemia, desinfodemia e as suas repercussões; e ainda, exemplificar como a infodemia e a desinfodemia impactam a comunicação e as relações de ensino e aprendizagem. A metodologia é qualitativa, exploratória e descritiva e traz exemplos de como a infodemia e a desinfodemia afetam o processo de ensino e aprendizagem. Ressaltamos a importância crítica de promover a educação midiática e estratégias de combate à infodemia e desinfodemia como medidas essenciais para a construção de uma sociedade mais informada.

Palavras-chave: Educação midiática. Cibercultura. Infodemia. Desinfodemia.

ABSTRACT

Based on the avalanche of information from dubious sources during the Covid-19 pandemic, this article addresses the phenomenon of infodemic and disinfodemic in the Covid-19 pandemic, which are characterized by the dissemination of false or distorted information about the disease. Our objective is to explore the concepts of media education, infodemic, disinfodemic and their repercussions; and also, exemplify how the infodemic and the disinfodemic impact communication, teaching and learning relationships. The methodology is qualitative, exploratory and descriptive and brings examples of how the infodemic and disinfodemic affect the teaching process and learning. We emphasize the critical importance of promoting media education and combat strategies to infodemic and disinfodemic as essential measures for building a more informed society.

Keywords: Media education. Cyberculture. Infodemic. Disinfodemic.

1 Aluna do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Franciscana - UFN. Bolsista de Iniciação Científica Probiic UFN. Bolsista Probiic/UFN. E-mail: nathaliasaidellescunha@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7232-5128>

2 Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Professora na Universidade Franciscana (Santa Maria, RS), nos cursos de Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens, Publicidade e Propaganda e Jogos Digitais. E-mail: grazifk@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6014-2188>

3 Orientadora. Doutora em Comunicação. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda e do no Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana - UFN. E-mail: taisghisleni@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5405-9492>

INTRODUÇÃO

A cultura tal e qual existia antes da era da Internet não é mais algo possível de ser imaginado, principalmente no que diz respeito à informação e ao conhecimento. No princípio da cibercultura, isto é, quando os computadores começaram a se tornar acessíveis à população nos centros urbanos, e as redes digitais começavam a se difundir, Lévy (1999, p. 92) preconizou sobre a era digital: “A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século”. Outro fator observado pelo teórico era que as mensagens escritas no ciberespaço manteriam-se fora de contexto, uma vez que não teriam fronteiras espaço-temporais para sua recepção. Entretanto, assim como na comunicação escrita anterior à Internet, encontraríamos mecanismos de interpretação capazes de nos ajudar a lidar com essas mensagens que circulam por toda parte, sem que saibamos exatamente as condições de produção.

Esse ‘fora de contexto’ - que inicialmente diz respeito apenas à ecologia das mídias e à pragmática da comunicação - foi legitimado, sublimado, interiorizado pela cultura. Irá tornar-se o centro de determinada racionalidade e levará, finalmente, à noção de universalidade. (LÉVY, 1999, p. 113).

No início de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) utilizou o termo infodemia para se referir à “propagação em massa de informações, muitas delas falsas, sobre a pandemia do coronavírus”. Mais adiante, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco classificou a avalanche de desinformação sobre a pandemia do novo coronavírus como “desinfodemia⁴”. Esse segundo termo foi cunhado por duas pesquisadoras, Julie Posetti e Kalina Bontcheva, por considerarem a desinformação relacionada à Covid-19 mais tóxica e mortal do que qualquer outra, uma vez que coloca em risco sociedades inteiras (VOLP, 2022).

De forma direta, a infodemia é um termo que descreve o excesso de informações disponíveis, o que pode levar à confusão e à tomada de decisões erradas. A desinfodemia é o termo oposto e descreve a falta de informações confiáveis. Ambas as situações podem impactar negativamente a comunicação e as relações de ensino e aprendizagem.

A poluição informacional é um problema crítico do nosso tempo. A crescente proliferação de *fake news*, notícias manipuladas e outras formas de desinformação ameaça o direito de acesso a informações de qualidade e a construção do conhecimento. O papel do educador é fundamental nesse cenário. Precisamos conduzir uma reflexão sobre as formas e as nuances da desinformação, desenvolvendo o hábito da leitura crítica. Só assim conseguiremos combater esse problema de forma

4 Desinfodemia é um termo usado para descrever o fenômeno da propagação de informações falsas, distorcidas ou incompletas sobre a pandemia da COVID-19. A UNESCO e a OMS têm publicado resumos de políticas e recursos educacionais para combater a desinfodemia e promover o acesso à informação confiável e verificável.

consistente. A educação é a chave para um futuro melhor, mas para isso é necessário ensinar as pessoas a pensar criticamente, a questionar tudo e a buscar sempre mais informações, pois só assim poderemos enfrentar a poluição informacional e garantir o direito à informação de qualidade para todos.

Segundo o EducaMídia (2019), que é um programa do Instituto Palavra Aberta com apoio do Google.org criado para capacitar professores e organizações de ensino, além de engajar a sociedade no processo de educação midiática dos jovens: em tempos de infodemia, a abundância de informações disponíveis (e nem sempre confiáveis) pode transformar-se em uma armadilha. Assim, saber ler criticamente todos os tipos de mídia é essencial. Textos, imagens, vídeos, áudio e até memes... qualquer tipo de mensagem demanda um olhar apurado que vai além da mera leitura e passa pelo desenvolvimento de uma postura mais reflexiva e inquisidora diante do universo de informações que estão ao alcance de um clique. Infelizmente, não basta apenas estar atento às *fake news* para se ter um bom critério de escolha de informações. Muitas vezes, as verdades que aparentemente são mais confiáveis também podem ser questionáveis. O problema é que, diante de tantas mensagens, é cada vez mais difícil separar o joio do trigo. Por isso, é preciso estar atento não só ao conteúdo das mensagens, mas também às fontes e às intenções por trás delas. É importante, também, desenvolver um olhar mais crítico para as próprias opiniões, para as verdades que se acreditam sem questionar. Só assim será possível enfrentar a infodemia e se proteger de seus efeitos nocivos.

Esse artigo faz parte de uma pesquisa de iniciação científica que tem como objetivo geral a contribuição da educação midiática para atuar diante dos conceitos de infodemia e desinfodemia no contexto de ensino e aprendizagem. E, a partir do contexto exposto, nosso objetivo imediato é explorar os conceitos de educação midiática, infodemia, desinfodemia e as suas repercussões; e ainda, exemplificar como a infodemia e a desinfodemia impactam a comunicação e as relações de ensino e aprendizagem.

Atualmente, vivemos em um mundo altamente midiático, onde a informação está disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana. Isso pode ser uma coisa boa ou ruim, dependendo de como essa informação é usada. Por exemplo, a educação midiática pode ajudar as pessoas a serem mais críticas em relação às informações que veem e ouvem, a fim de evitar a disseminação de *fake news* e outras formas de desinformação.

Nesse contexto, o grupo Educamídia (2022) chama a atenção para o fato de que “educar para a informação é um jeito de formar cidadãos livres e aptos a fazer escolhas conscientes”. É mudar a relação dos jovens com o conhecimento, para que saibam aprender a aprender. É educar para a vida em um mundo cada vez mais conectado”. E isso não é uma tarefa fácil, já que:

É difícil preparar os estudantes para construir conhecimento em um cenário tão imprevisível e continuamente transformado pelas tecnologias digitais sem refletir sobre o significado de **ler, escrever e participar** e definir estratégias para crianças e jovens aprenderem algumas das mais importantes habilidades neste século: comunicação, (FERRARI, MACHADO e OCHS, 2020, online).

A educação midiática é fundamental para que as pessoas adquiram um conjunto de habilidades para acessar, analisar e criar conteúdo. Nesse sentido, o relato sobre as práticas de ensino e aprendizagem que contribuíram para que houvesse espaço para a expressão de maneira reflexiva e responsável no ambiente informacional e midiático é muito importante para o desenvolvimento da sociedade.

A infodemia, caracterizada pelo excesso de informações sobre uma doença, e a desinfodemia, definida pela escassez de informações confiáveis, são desafios para a sociedade contemporânea. Nesse contexto, a educação midiática se apresenta como uma ferramenta para auxiliar as pessoas a se informarem e se protegerem de forma crítica e responsável. A educação midiática é muito importante pois ajuda a desenvolver habilidades de leitura, análise e produção de conteúdos midiáticos, bem como promover o diálogo e a participação cidadã.

A metodologia adotada nesta pesquisa é qualitativa, exploratória e descritiva. Optamos por esta abordagem para aprofundar nossa compreensão das características complexas da infodemia e desinfodemia durante a pandemia do Covid-19. Realizamos uma investigação exploratória para identificar as nuances desses conceitos em contexto educacional, permitindo-nos descobrir insights valiosos sobre como afetam o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, utilizamos uma abordagem descritiva para apresentar exemplos concretos que ilustram as implicações práticas da infodemia e desinfodemia no cenário educacional, oferecendo um panorama completo de suas influências e desafios.

Infodemia

De acordo com Zattar (2020), infodemia é um termo utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para se referir a um grande volume de informações, sendo elas imprecisas ou falsas, atrapalhando o acesso da população a fonte confiáveis devido a grande quantidade de informação falsa disponível sobre um determinado assunto. O termo se associa à quantidade de informação que engloba desde rumores até boatos e acaba atrapalhando na hora de verificar a confiabilidade e veracidade de tal informação, impactando assim o dia a dia da sociedade de nível mundial e global. O ápice de disseminação da infodemia deu-se durante a pandemia do Covid-19, onde a propagação de notícias falsas ou imprecisas se espalharam tão rápido quanto o próprio vírus. A infodemia não se refere à qualidade da informação e sim à quantidade, uma vez que o excesso de informação dificulta a verificação da veracidade e confiabilidade da informação.

Kalil e Santini (2020, p. 5) afirmam que “a infodemia é caracterizada por uma quantidade e variedade excessiva de informações de diferente qualidade e credibilidade (algumas falsas, outras imprecisas, outras baseadas em evidências)”. Entretanto, no contexto pandêmico, o termo foi empregado para se referir a disseminação excessiva de notícias falsas, também conhecidas como *fake news*.

De acordo com Recuero e Gruzd (2019), *fake news* nada mais é do que o espalhamento de notícias falsas e rumores que circulam pelas mídias sociais. Os autores afirmam que *fake news* e desinformação são sinônimos. As *fake news* não se tratam apenas de informação mal apurada, mas sim de uma informação falsa divulgada com más intenções, a fim de atingir indivíduos ou grupos.

De acordo com OPAS (2020), durante a pandemia do Covid-19, em um período de 30 dias foram enviados ao YouTube cerca de 361 milhões de vídeos classificados “COVID-19” e “COVID 19”. Nos mesmos 30 dias foram publicados no Google Scholar cerca de 19.200 artigos sobre o assunto. No mês de março de 2020, cerca de 550 milhões de tuítes continham os termos coronavirus, Corona Vírus, covid19, covid-19, covid_19 ou pandemic [pandemia].

Coelho (2020) relata que *fake news* sobre a COVID-19 foram criadas por grupos anti-vacina, que são responsáveis por um exemplo clássico de Infodemia que alega que a vacina contra o Corona Vírus possui um nanochip 5G que seria capaz de rastrear pessoas. A autora ainda reforça questões que desqualifica a informação como verdadeira, como por exemplo, o fato da 5G ainda não estar disponível em todo o Brasil e da foto que foi utilizada para representar o nanochip na realidade ser um capacitor tamanho 008004, que é um pequeno componente eletrônico que tem como função armazenar cargas elétricas. A foto original foi encontrada em uma publicação de 2017 na rede social *Reddit*.

Figura 1 - Fake News do Nanochip e 5G

Olha aí o Nano-Chip que virá misturado na vacina da China esgane-se lá em qual mais quiseram vacinas do Bill Gates, depois que isto estiver em seu organismo você nunca mais será livre, mas nunca mais mesmo, eles te controlarão e com o 5G poderão te criar doenças, diminuir sua imunidade e saber sua localização e muito mais



Fonte: Coelho (2020). Acesso em: 15 nov. 2022.

Durante a pandemia muitas *fake news* circularam pela internet. Sites como *AosFatos.org*, *FactCheck.AFP.com* e *ColombiaCheck.com* foram cruciais para desmistificar muitas das informações falsas que estavam assustando a população. Os sites citados anteriormente foram alguns dos responsáveis em disseminar que a imagem do suposto nanochip era na verdade um pequeno capacitor. (COELHO, 2020)

Os sites citados acima têm como função apurar e checar informações investigando e combatendo a desinformação. Por exemplo, o site *AosFatos.org* utiliza uma metodologia de checagem que preza pela transparência do fazer jornalístico. Para checar a veracidade de uma informação, jornalistas fazem uma análise utilizando uma grande base de dados de perfis, contas, canais e sites que tem como função espalhar a desinformação, referenciando fontes e expondo os erros. A seleção dos sites listados neste estudo se justifica pela sua inserção como fontes confiáveis de verificação de fatos durante a pandemia do Covid-19. Num momento crítico em que a disseminação de informações falsas estava causando alarme e confusão na população, esses sites desempenharam um papel fundamental na promoção da verdade e na desmistificação de rumores infundados.

Desinfodemia

Desinfodemia é a fusão de desinformação com infodemia. De acordo com Zattar (2020), o termo desinfodemia foi designado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), para se referir a um volume alto de informações falsas e não confiáveis que surgem em grande proporção. O acesso a internet tem tanto pontos positivos quanto pontos negativos, como a disseminação de desinformação, expondo as pessoas aos riscos das informações de fontes duvidosas, enganosas ou imprecisas.

Martins (2021, p. 30) afirma que o termo “diz respeito à epidemia de informações irreais ou imprecisas sobre o vírus SARS-CoV-2. Tal fato está intrinsecamente relacionado às fake news”. A autora ainda ressalta que se não combatida, a desinformação pode gerar a morte de milhares de pessoas.

Um projeto de residentes em medicina veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro teve como propósito promover diversas ações para combater as *fake news* espalhadas durante a pandemia da Covid-19. Os residentes foram separados em grupos e cada um ficou responsável por uma atividade. Um exemplo de fake news desmascarado pelos residentes foi a de que o remédio para piolho era eficaz contra o Coronavírus. Os estudantes realizaram testes *in vitro* e foi concluído que a substância não era eficaz na prevenção da infecção contra o vírus. (MELO, 2020)

Figura 2 - Fake News do remédio para piolho.



" Remédio para piolho é capaz de eliminar o Coronavírus, diz estudo. A ivermectina poderia ser usada com eficácia no combate à COVID-19."

19:40

Fonte: Melo (2020).

A verificação dos fatos é um instrumento fundamental para entender e combater a desinformação. Posetti e Bontcheva (2021, p. 5) afirmam que “a verificação de fatos não se aplica a opiniões nem seu exercício vai contra o pluralismo na forma de diferentes narrativas que mobilizam e interpretam os fatos dentro de determinadas estruturas de entendimento”.

Posetti e Bontcheva (2021) relatam que a desinformação existe muito antes da COVID-19, onde as inverdades sobre a saúde pública baseiam-se nos mesmos instrumentos já anteriormente utilizados para disseminar desinformação. Atualmente a internet é um dos principais mecanismos com função de transmissão no fluxo de mensagens, tanto da informação quanto da desinformação, onde em grande parte das vezes a desinformação esconde as inverdades em meio a informações verdadeiras. Os autores reforçam ainda que “o monitoramento das redes sociais e a verificação de fatos são ferramentas essenciais para mensurar e entender a desinformação, pois revelam os tópicos de desinformação viral, que estão em constante mudança” (POSETTI E BONTCHEVA, 2021, p.4).

Os autores classificam quatro formatos como principais fontes de desinformação na internet, são eles: Construção de narrativa e memes emotivos: narrativas textuais que incluem alegações falsas e linguagem emocional misturados com elementos verdadeiros. Sites e identidades oficiais fabricados: são sites que incluem fontes e sites governamentais ou corporativos falsos, que publicam reportagens aparentemente verídicas. Imagens e vídeos fraudulentos, adulterados, fabricados ou descontextualizados: são histórias falsas, que acabam viralizando, criadas com intuito de gerar confusão, desconfiança e provocar emoções fortes. Infiltração de desinformação e campanhas orquestradas: tem como função causar discórdia em comunidades on-line, além de praticar coleta ilegítima de dados pessoais, proporcionar ganho monetário através de curas falsas e também podem incluir campanhas organizadas de desinformação utilizando *bots*. (POSETTI E BONTCHEVA, 2021).

Assim, entende-se que a desinformação é um fenômeno próprio do contexto de cibercultura atual, em que a internet não está mais em uma fase inicial de difusão, mas em uma realidade de quase total digitalização dos processos informacionais. As pessoas buscam as informações nas redes digitais e acabam realizando um processo inverso, tanto como receptores da desinformação, como (re)produtores dela, dando continuidade a esse fenômeno.

Poluição Informacional

Poluição informacional (*data smog*, em inglês) é um novo tipo de informação-lixo, onde um mar de informação desnecessária é encontrado pelo usuário. Um exemplo deste tipo de informação é encontrado nas caixas de e-mail, onde muitas vezes o indivíduo perde um bom tempo selecionando o conteúdo relevante. Esse tipo de fenômeno também ocorre quando o usuário depende de informações externas e possui a privação de ferramentas de busca, resultando assim em informações insignificantes e supérfluas. (FALCÃO, 2011)

Davis (2013, p. 2) define poluição informacional como “massas confusas de informações, especialmente da Internet, nas quais o que é errôneo, trivial ou irrelevante não pode ser separado facilmente ou eficientemente do que é de valor ou interesse genuíno” [tradução nossa].

Nos dias atuais vivemos em um cenário com explosão informacional, onde o indivíduo possui um comportamento mecanizado perante a informação onde muitas vezes acabam se tornando propagadores da poluição informacional. Segundo Ripoll e Matos (2017, p. 2236) isso acontece pois “o volume de informações a um nível muito mais difícil de acessar e interpretar, ainda se soma a isso a mistura de informação verídica com informações e dados falsos, propagados muitas vezes de forma negligente e até intencional”.

Abdullahi e Seed (2021) defendem que a explosão das redes sociais é uma das maiores responsáveis pela poluição informacional. Durante a pandemia do COVID-19, a população encontrou-se com dificuldade de localizar, avaliar, usar e comunicar informações pela falta de autenticidade, validade e confiabilidade das mesmas. Isso deu-se devido a expansão do acesso às mídias sociais, onde diariamente são transmitidas uma grande quantidade de informação, que muitas vezes não são avaliadas e não passam por nenhum tipo de curadoria, diferente do meio impresso, por exemplo.

Educação Midiática

De acordo com Soares (2014), foi a partir da contribuição de ONGs e de universidades que a questão da Educação Midiática começou a ganhar atenção. O surgimento da Educação Midiática na América Latina ocorreu por volta de 1960. O pedagogo Luís Campos Martínez criou o primeiro programa relacionado à educação midiática que se tem notícia, intitulado de “Plan de Niños”, que tinha como objetivo principal trabalhar cinema em sala de aula. O programa era voltado para análise de produções cinematográficas por crianças, incluindo produções audiovisuais criadas pelas mesmas crianças. Nas três décadas seguintes, o programa multiplicou-se por países como Uruguai, Paraguai, República Dominicana, Brasil e Equador. No Brasil o programa foi nomeado de Cineduc e foi estabelecido no Rio de Janeiro, com atuação até o momento presente.

Cortes, Martins e Souza (2018) reforçam que Roberto Ferguson e Ismar Soares defendem a educação midiática como uma metodologia que possibilita a construção coletiva e solidária de conhecimentos, uma vez que as preocupações devem estar focadas no processo comunicativo e não na análise dos meios de informação.

Buckingham (2012, p.17) declara que o objetivo inicial da educação midiática não é “inicialmente o de desenvolver habilidades técnicas, nem promover a autoexpressão, mas estimular uma compreensão mais sistemática de como funciona a mídia e daí promover formas mais reflexivas de usá-la”. Para o autor, a educação midiática contraria o uso instrumental da tecnologia com finalidade de auxiliar pedagogicamente, uma vez que as ferramentas digitais podem auxiliar o aluno a executar atividades com mais eficiência do que quando havia apenas o modo analógico.

De acordo com Ferrari, Machado e Ochs (2020) o Educamídia é um programa do Instituto Palavra Aberta, que foi criado com apoio do Google.org, com finalidade de capacitar e engajar jovens no processo de aprendizagem sobre educação midiática, evoluindo seus potenciais de comunicação e compreensão em diversos meios. As missões principais do programa são promover a liberdade de expressão, liberdade de imprensa e a circulação livre de informação. O programa Palavra Aberta acredita que um “indivíduo bem-informado e educado midiaticamente terá uma participação mais ativa e responsável, podendo assim exercer plenamente a cidadania”. (FERRARI, MACHADO E OCHS, 2020)

O Educamídia (2019) define o conceito de Educação Midiática como um “conjunto de habilidades para acessar, analisar, criar e participar de maneira crítica do ambiente informacional e midiático em todos os seus formatos - dos impressos aos digitais”. O site justifica que a educação midiática pode ajudar e preparar crianças e jovens para aprenderem a utilizarem as novas tecnologias com prudência e juízo na Era da informação, além de educar para que haja o senso crítico na leitura e interpretação de tantas informações ao mesmo tempo. Uma forma de criar cidadãos livres e aptos a fazerem escolhas conscientes é através da Educação Midiática, pois ela muda a relação com o conhecimento e permite a leitura crítica da informação, desenvolvendo assim, o senso de interpretação onde faz-se reflexão do que foi e não dito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que as pessoas fazem uso frequente das redes e que estamos perto de completar 30 anos da presença de dispositivos eletrônicos conectados à internet na nossa vida cotidiana, de forma cada vez mais intensa e integrada, isso poderia significar certa maturidade na compreensão de como essas mídias funcionam. Com a evolução das mídias, há também uma evolução da própria população, que já se encontra na terceira geração de indivíduos nativos digitais e, sendo assim, isso poderia significar uma população mais consciente do poder dos meios digitais. Entretanto, ao estudar as mídias e seus efeitos sociais, causa impacto averiguar que os resultados sinalizam para fenômenos de contrainformação, isto é, de acesso a informações enganosas que dificultam a tomada de decisão individualmente, bem como processos coletivos que afetam a comunidade.

Além disso, um dos aspectos preocupantes desse cenário é que a pessoa desinformada ou mal-informada passa a desinformação adiante, de maneira descuidada ou, até mesmo, intencional, fazendo da informação falsa a sua mensagem. Se isso ocorresse em tempos não conectados, os efeitos seriam preocupantes, porém o impacto se daria de maneira mais lenta ou em menor escala, pois não contariam com a comunicação sem fronteiras do ciberespaço.

Dados os avanços da tecnologia, a extrema polarização entre grupos que pensam de forma diferente e usam as redes sociais para espalhar o ódio por meio da desinformação, fica claro que a infodemia

deve se tornar ainda mais poderosa nos próximos anos e igualmente preocupante. Visando os fatos aqui apresentados, percebe-se que a educação midiática é uma perspectiva aliada ao combate à desinformação e à propagação de *fake news* em um ambiente em que existe excesso de poluição informacional. Ainda que haja uma terceira geração de nativos digitais, observamos que o senso crítico de uso das mídias e de compreensão dos fatos sociais não é algo que nasce com o indivíduo, nem que surge do uso intuitivo das mídias eletrônicas, é algo de resulta de aprendizado e, portanto, se não há quem ensine, não há quem aprenda.

Destacamos, assim, que a educação midiática, uma perspectiva útil aos diversos níveis de ensino formal ou informal, é capaz de criar o senso crítico de questionamento no indivíduo e fomentar o hábito da verificação das informações que são recebidas diariamente. A educação midiática é fundamental nos dias de hoje, principalmente no meio à crescente infodemia que estamos vivenciando. O excesso de informações, muitas vezes falsas ou mal interpretadas, tem impacto na capacidade de comunicação e nas relações de ensino e aprendizagem. Para lidar com esse cenário, é necessário que a sociedade esteja atenta e crítica em relação às informações que consomem e compartilham.

Além disso, a desinfodemia, ou seja, o combate à manifestação de informações falsas e imprecisas, também é essencial para a construção de uma sociedade mais consciente e justa. Para isso, é preciso investir em educação midiática desde a infância, capacitando as pessoas para lidar de forma crítica e responsável com as informações que recebem.

Por fim, a compreensão dos conceitos de educação midiática, infodemia e desinfodemia é muito importante para que possamos lidar de forma mais eficaz e consciente com o fluxo constante de informações que transmitimos em nossas vidas cotidianas. O entendimento desses conceitos pode ajudar a garantir que a informação seja usada de forma construtiva, em vez de prejudicar as relações sociais e o desenvolvimento individual.

REFERÊNCIAS

ABDULLAHI, Mujahid Sunusi; SEED, Yusuf Eissa Abdallah. Awareness and Practice of Information Literacy among the Professional Librarian of Public Libraries. Amid Covid 19 Pandemic in Nigeria. **Jewel Journal Of Librarianship**, v. 16, ed. 3, 2021. Disponível em: <https://www.jeweljournals.com/admin/published/10301854613.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2022.

AOS FATOS. Nosso método. 2022. **Aos Fatos**. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/nosso-m%C3%A9todo/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 3, p. 37-58, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227078004.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022.

COELHO, Gabi. Não, a vacina contra Covid-19 não virá com nanochip para rastrear pessoas com 5G. **Estadão**, 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/nao-existe-vacina-contracovid-19-que-use-nanochip-para-rastrear-pessoas-com-5g/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CORTES, Tanisse Paes Bóvio Barcelos; MARTINS, Analice de Oliveira; SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. Educação midiática, educomunicação e formação docente: parâmetros dos últimos 20 anos de pesquisas nas bases Scielo e Scopus. **Educação em revista**, v. 34, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/PTmkB4VpY9bGytZd6ggJ8Wj/abstract/?lang=pt> Acesso em: 28 nov. 2022.

DAVIS, Michelle. **Navigating Data Smog**. 2013. Disponível em: <http://www.scsbc.net/link/2013-November-Link.pdf>. Acesso em: 06 out. 2022.

EDUCAMÍDIA. O que é educação midiática? 2019. **Instituto Palavra Aberta**. Disponível em: <https://educamidia.org.br/educacao-midiatica> Acesso em 12 dez. 2022.

FALCÃO, Daniel Ferreira. **A informação e seu aproveitamento**: Os impactos na cultura organizacional provindos do excesso de informação. Portal de Periódicos da UFAL. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/registrocontabil/article/viewFile/570/308>. Acesso em: 06 out. 2022.

FERRARI, A. C.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da Educação Midiática**. 1.ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020. Disponível em: <https://educamidia.org.br/api/wp-content/uploads/2021/03/Guia-da-Educac%CC%A7a%CC%83o-Midia%CC%81tica-Single.pdf> Acesso em: 25 fev. 2023.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Lisboa: Edições 34, 1999.

KALIL, I; SANTINI, R. M. **Coronavírus, pandemia, infodemia e política**. Relatório de pesquisa. São Paulo / Rio de Janeiro: FESPSP / UFRJ, 2020. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf. Acesso em 06 out. 2022.

MANDELLI, Mariana. Fake news e desinformação levam indígenas a recusarem vacina. 12/08/2021. **Instituto Palavra Aberta**. Disponível em: <https://educamidia.org.br/fake-news-e-desinformacao-levam-indigenas-a-recusarem-vacina> Acesso em: 12 dez. 2022.

MARTINS, Girliani Martins. Desinfodemia no Brasil: o avanço de desinformações sobre coronavírus. **Revista do EDICC-ISSN 2317-3815**, v. 7, 2021. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/6550>. Acesso em: 06 out. 2022.

MELO, Thaís. Projeto de residentes em Medicina Veterinária combate notícias falsas sobre Covid-19. **UFRRJ**, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.ufrrj.br/residentes-em-medicina-veterinaria-combatem-noticias-falsas-sobre-covid-19/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

OPAS - Organización Panamericana de la Salud, 2020. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. Kit de ferramentas de transformação digital. Folheto informativo Saúde digital. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf. Acesso em 12 dez. 2022.

POSETTI, Julie; BONTCHEVA, Kalina. Infodemia: a desinformação e a alfabetização midiática no contexto da COVID-19. **Panorama Setorial da Internet**, v. 13, 2021. Disponível em: https://nic.br/media/docs/publicacoes/6/20210923161353/panorama_setorial_ano-xiii_n_3_infodemia.pdf. Acesso em: 25 nov. 2022.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia (São Paulo)**, p. 31-47, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/Kvxg4btP-zLYdxXk77rGrmJS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2022.

RIPOLL, Leonardo; MATOS, José Claudio Morelli. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 2334-2349, 2017. Disponível em: <https://febab.emnuvens.com.br/rbbd/article/view/918>. Acesso em: 06 out. 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação. **Comunicação & educação**, v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037>. Acesso em: 27 out. 2022.

VOLP - Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa **Infodemia**. In: Academia Brasileira de Letras. 2022. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/infodemia>. Acesso em: 06 out. 2022.

ZATTAR, Marianna et al. Competência em Informação e Desinfodemia no contexto da pandemia de Covid-19. **Liinc em Revista**, v. 16, n. 2, p. e5391-e5391, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5391>. Acesso em: 15 set. 2022.